

**“E SE FOSSEM NOSSOS FILHOS?”: REAÇÕES E INTERPELAÇÕES DE
MÃES ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DIANTE DO DOCUMENTÁRIO
“NÃO GOSTO DE MENINOS”**

Edwany Caroline Barbosa Aguiar F. de Oliveira

José Raimundo Rodrigues

Não escapa à Sociologia da Educação nem à Filosofia da Educação a discussão acerca da diversidade sexual e suas implicações no cotidiano escolar, na formação de docentes e na proposição curricular. O presente trabalho tem por objetivo geral apresentar as reações e interpelações sentidas por um grupo de mães estudantes de Pedagogia ao assistir o documentário “Não gosto de meninos: histórias que gostaríamos de ter visto antes”. A intenção inicial era sondar como estudantes de Pedagogia, ainda nos períodos iniciais de formação, reagem à questão da diversidade sexual: Quais os seus preconceitos? Quais os seus temores? Quais as dificuldades de compreensão? Como sentem-se desafiadas a educar no contexto da diversidade sexual? A isso somou-se o fato de na turma existir um grupo de mães com filhos de idades entre 1 ano e meio e 18 anos. Como essas mães se sentem diante da questão da diversidade sexual? Que outras questões lhes advêm quando pensam em seus filhos? Enquanto mães e futuras pedagogas como vivenciam a questão da diversidade sexual? Que práticas podem originar-se dessa reflexão pessoal que se abre para o diálogo com os pares profissionais? A partir da exibição do documentário “Não gosto de meninos” abriu-se amplo debate sobre o tema da homossexualidade, considerando imediatamente que os protagonistas do filme só assumiram sua orientação após a saída da escola. Em vários dos relatos apresentados pelo documentário a escola aparece como espaço hostil à diversidade, negligenciando a temática, omitindo e silenciando-se até mesmo diante de atos de violência simbólica ou física. Os profissionais da educação preparam-se para acolher e apoiar a questão da diversidade sexual, considerando-a como realidade que ultrapassa o espaço escolar e diz respeito, imediatamente, ao conjunto maior da vida social e dos direitos do cidadão? Mais que respostas às questões, procura-se provocar quem se dispõe a estudar Pedagogia. Provocar para que se pensem práticas cotidianas de inclusão e de respeito aos direitos humanos que sejam vivenciadas no ambiente escolar como caminhos de socialização e cidadania. Despertando do discente de Pedagogia o gosto pela inquietação, pelo não conformismo, pela capacidade de crítica, particularmente, na proposição do currículo escolar. Dessas mães e futuras pedagogas

surgem interpelações por uma escola onde o respeito à diferença seja o primeiro aprendizado: “E se fossem nossos filhos?”.

Palavras-chave: homossexualidade, pedagogia, mães, currículo escolar.